

# FAMÍLIA E ESCOLA NA COMPREENSÃO DOS SIGNIFICADOS DO PROCESSO ESCOLAR

Maria Luiza Puglisi Munhoz; Marli da Costa Ramos Scatralhe

---

**RESUMO** – Acreditando que a comunicação e a linguagem são instrumentos significativos nas ações educativas, propomos a criação de um espaço conversacional entre pais e professores de crianças de 6 a 8 anos, de ambos os sexos, do 1º e 2º ano do ensino fundamental de uma instituição particular de ensino, de nível socioeconômico médio e médio alto, a partir do que relatam sobre a educação escolar dos filhos/alunos. Trata-se de uma metodologia que possibilita a aproximação dos dois sistemas interdependentes família e escola, visando minimizar os conflitos existentes entre eles. Concluímos que, a escola ao transmitir valores essenciais por meio das funções do professor, estende a ação educativa à família, inserindo-a. Ação considerada positiva pelos pais e professores, porque possibilita a compreensão dos significados expressos pelos sistemas interagindo.

**UNITERMOS:** Escolas. Família. Comunicação.

---

*Maria Luiza Puglisi Munhoz – Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Especialista em Famílias e Casais. Professora e Pesquisadora do Programa de Mestrado em Psicologia Educacional da Fundação Instituição de Ensino para Osasco (UNIFIEO), São Paulo, SP, Brasil.*

*Marli da Costa Ramos Scatralhe – Mestre Pedagoga e Química. Mestre em Psicologia Educacional. Psicopedagoga Institucional. Professora Universitária de Pós-graduação em Psicopedagogia das Faculdades Mario Schenberg. Diretora pedagógica do Colégio Mario Schenberg, São Paulo, SP, Brasil.*

---

*Correspondência*

*Maria Luiza Puglisi Munhoz*

*Rua: Moncorvo Filho, 101 – City Butantã – São Paulo, SP, Brasil – CEP 05507-060*

*E-mail: marilumunhoz@uol.com.br //*

*marli.scatralhe@marioschenberg.com.br*

## INTRODUÇÃO

Acreditamos que a comunicação e a linguagem caracterizam-se como conjunto e totalidade no processo de desenvolvimento da aprendizagem humana; são, assim, instrumentos significativos nas ações dos profissionais da educação.

Partimos do pressuposto de que conversar, dialogar, comunicar-se, por meio da linguagem e das práticas sociais se caracterizam como uma construção ativa que se dá na interação, na intersubjetividade, nas trocas, nos acordos que se faz socialmente. Dessa forma, defendemos a proposta de que tenhamos no espaço escolar possibilidades de conversas: de falar, de trocar, de ouvir, de questionar, de dialogar entre os participantes do processo escolar do aluno, entendidos neste trabalho como sendo os pais e os professores, é o que chamamos de espaço conversacional na escola.

Ao escolher esse tema, apoiamos-nos teoricamente em Maturana<sup>1</sup>, por ser ele um autor que defende o conhecimento como uma construção da linguagem. E por acreditarmos que a educação escolar acontece nas relações dinâmicas e dialógicas, concebidas por Morin, citadas por Almeida & Carvalho<sup>2</sup> como uma forma articulada de se comunicar, que não pretende chegar a um consenso, ou síntese definida, mas sim, propõe a ampliação das possibilidades de criar novas formas de entendimento sobre o tema na interação que se estabelece na conversação, promovemos espaços de conversa entre pais e professores no contexto escolar, como uma ação educativa.

Tendo conhecimento de que, na literatura especializada, tanto o conceito de interação como a discussão sobre interação não são novos, mas ganham relevância nas décadas de 1970 e 1980 devido à transição da lógica da distribuição-transmissão para a lógica da comunicação-interatividade, a comunicação dos conteúdos estudados na escola apresenta movimento ativo e não passivo. Trata-se de um movimento que prioriza o sentido e o significado representativo de cada palavra expressa para todos os sujeitos envolvidos no processo ensino-aprendizagem, inclusive o próprio aluno. Maturana<sup>3</sup> entende

as interações provocadas pelas comunicações, como uma forma de fazer com que as emoções e compreensões se modifiquem. O autor justifica esse fenômeno porque ao nos movermos em interações com outras pessoas, veremos as histórias vividas dentro e fora do linguajar, quando poderemos dar testemunho da expressão do mundo edificado de cada um, referente aos valores, mitos e crenças. Vem confirmar esses conceitos autores como Watzlavick et al.<sup>4</sup>, que se referem à comunicação entre pessoas como uma transmissão de mensagens que, devido à forma e ao conteúdo expresso, é indicadora dos modelos de "interação" estabelecidos entre os participantes das falas e das trocas de informações, definindo a relação. Partindo da concepção de que em todas as situações entre duas ou mais pessoas ocorrem interações comunicativas, aceitamos as premissas de Watzlawick et al.<sup>4</sup> de que é impossível não se comunicar, dando com isso significado ao silêncio e validade às formas de expressão não-verbais, que permeiam todas as conversas. Dessa forma, conversar é mais do que simplesmente falar e, de acordo com Anderson<sup>5</sup>, em seu sentido pleno, conversar pode ser considerado como a essência absoluta de nossa existência.

Situações em que a subjetividade emerge nas manifestações de pais e de professores nas conversas que se estabelecem, encontramos no relativismo da visão sistêmica e na complexidade do pensamento complexo o embasamento teórico que possibilita formas de ver e compreender as relações entre os sujeitos de maneira ampla, respeitando diferentes ângulos do fenômeno que os torna parte de um mesmo sistema. Na busca de compreender os significados construídos nas relações sociais, apoiamos-nos nas abordagens: Construtivista e Construcionista Social como conceitos estudados e aprofundados por Goolishian<sup>6</sup> e Grandesso<sup>7</sup>, ao relatarmos suas experiências em situações sociais e terapêuticas.

O cenário escolar é sobrecarregado, nos dias de hoje, por situações que no passado não ocorreriam, em virtude dos novos arranjos familiares, da falta de limites nos contextos sociais, do

consumismo exagerado e, especialmente, da ausência de modelos de pai e de mãe. Tudo isso tem exigido da escola e, também, da família, uma percepção mais apurada e maiores cuidados e conhecimentos sobre as interferências que esses novos quadros poderão apresentar na vida escolar do filho/aluno. Por todos esses fatores é preciso desmistificar as ideias que dificultam a comunicação entre os agentes que desempenham a função de educar, no sentido de ampliar a compreensão dos significados inerentes à educação escolar dessas crianças e jovens adolescentes.

Existe uma demanda dos profissionais da área da educação, tanto da rede pública como da rede particular de ensino, pedindo ajuda dos familiares na participação do processo escolar de seus filhos. As interações e comunicações que se estabelecem entre família e escola, segundo Carvalho<sup>8</sup>, têm acontecido pelo comparecimento das famílias às reuniões de pais e mestres, atenção à comunicação escola-casa e, sobretudo, acompanhamento dos deveres de casa e das notas. Pode-se observar maior interesse, incidência da participação e frequência dessas ações nas camadas média e média alta, do que nas camadas mais baixas da população.

Encontramos em Carvalho<sup>8</sup> argumentos sobre a existência de pais interessados no processo escolar dos filhos, que parecem soar como "ventos que sopram a favor do envolvimento dos pais na escola".

A política de participação dos pais na escola gera concordância imediata e até mesmo entusiasmada; parece correta porque se baseia na obrigação natural dos pais, aliás, mães; parece boa porque sua meta é beneficiar as crianças; e parece desejável porque pretende aumentar tanto a participação democrática quanto o aproveitamento escolar. Além disso, tem eco na tradição cultural da classe média, especificamente na crença de que a família influencia a política escolar (a qualidade do ensino), sobretudo no contexto das escolas particulares, onde a relação entre pais-consumidores e diretores-proprietários é direta e a dependência mútua é clara<sup>8</sup>.

Apoiando-nos nessas concepções, defendemos a proposta de que tenhamos no espaço escolar possibilidades de conversas: de falar, de trocar, de ouvir, de questionar, de dialogar entre os participantes do processo escolar do aluno, entendidos neste trabalho como sendo os pais e os professores. É o que chamamos de espaço conversacional na escola, como um meio facilitador para emergir os significados atribuídos por eles sobre o ensino/aprendizagem de seus filhos/alunos.

A partir daí, desenvolvemos uma pesquisa de campo para obtermos informações que pudessem trazer respostas às questões que nos inquietavam.

## MÉTODO

Trata-se de uma investigação que pode ser enquadrada na modalidade de "pesquisa/intervenção", porque teve o objetivo de avaliar estratégias diversificadas, focalizando o comportamento dos participantes, sempre respeitando e incluindo a presença do pesquisador. A partir das informações expressas, verbal e não verbalmente ocorridas no espaço conversacional, realizamos a análise dos significados sobre o que os pais e os professores relataram a partir de levantamentos de categorias a posteriori, que exige maior bagagem teórica do investigador, considerando que: *"em geral, o pesquisador segue seu próprio caminho baseado em seus conhecimentos e guiado por sua competência, sensibilidade e intuição"*<sup>9</sup>.

Para a análise dos significados, tomamos como referência as falas dos pais e dos professores a partir das questões disparadoras da conversa, considerando outras fontes de comunicação, como os gestos e as expressões não-verbais. Depois da classificação e ordenação em categorias teóricas, realizamos a discussão dos resultados.

A fim de obtermos melhor compreensão dos significados expressos, destacamos como parte integrante da metodologia a inserção do observador pesquisador na observação que realiza,

atuando como mediador em situações que viria facilitar a interação e a comunicação. Como pesquisadores, ficamos atentos ao que apareceu com maior frequência no grupo de pais e de professores, tendo como intenção mediar a interação sempre que necessário, inicialmente entre os pares e depois entre os dois grupos. Consideramos a presença do pesquisador como necessária para promover a emergência de novas reflexões dialógicas na conversação.

### **Participantes**

Foram escolhidos para a pesquisa pais do 1º e 2º ano do ensino fundamental, porque na vivência profissional deparamo-nos com a presença atuante desses pais, considerados participantes ativos, que por terem filhos na faixa etária que compreende o início da vida escolar, preocupam-se, questionam e se angustiam, buscando conhecimentos principalmente sobre a alfabetização.

Participaram da pesquisa nove pais, sendo três casais e seis mães, a maioria profissionais liberais, casados, com dois filhos, na faixa etária entre 32 e 44 anos. No grupo dos professores, participaram oito professoras, todas com pós-graduação, a maioria casadas, com dois filhos, e a idade delas ficou entre 24 e 41 anos.

O espaço conversacional foi realizado em uma escola particular, localizada na região oeste da cidade de São Paulo. Os pais convidados foram pré-selecionados pelo fato de que escolhemos trazer para o espaço conversacional os pais que já demonstravam anteriormente interesses relacionados à aprendizagem de seus filhos. Quanto aos professores participantes, foram selecionados aqueles que trabalhavam com 1º ou 2º ano do ensino fundamental.

Houve a preocupação em limitar o número de participantes, porque buscamos observar no espaço conversacional a circularidade existente nas ações e reações entre os participantes e o movimento dialógico da comunicação por meio das falas e dos discursos entre pais e professores.

### **Instrumentos**

Para que pais e professores pudessem dar início às conversas, foram lançadas duas questões disparadoras, nos respectivos grupos:

- I) O que pensam sobre a função do educador, e o que é educar?
- II) Quais as dificuldades e os méritos encontrados pelos pais ou professores no processo ensino/aprendizagem dos filhos?
- III) As mesmas questões foram mantidas no encontro dos pais e professores na conversa em conjunto.

### **Procedimentos**

Tais questões foram apresentadas em dois momentos distintos: no primeiro momento, participaram os pares de pais e de professores em espaços separados, o que levou aproximadamente duas horas de conversação e, no segundo momento, o espaço de conversação se tornou aberto para os pais e os professores, num período de duas horas e meia de conversa.

Os conteúdos expressos nos dois grupos foram gravados, com anotações dos gestos e expressões corporais e faciais, considerados como diferentes formas de comunicação.

### **Procedimentos de análise**

A partir da coleta de dados, ouvimos com atenção, repetidas vezes, a gravação dos relatos dos pais e dos professores, primeiramente no encontro entre os pares e, finalmente, no encontro dos pais e dos professores em conjunto, como representantes da família e da escola: dois sistemas em interação. De posse dos dados coletados, construímos algumas categorias, baseadas nas questões disparadoras, a fim de proceder a Análise de Conteúdo do que foi captado em forma de mensagens verbais, gestuais, silenciosas, figurativas, espontâneas ou diretamente provocadas, que, invariavelmente, expressam um significado e sentido como um ato contextualizado<sup>9</sup>.

Segue o resultado da análise dos resultados, partindo das inferências e interpretações dos significados que os indicadores nos revelaram.

## DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### **Análise dos significados do grupo dos professores sobre o que é educar e o que é ser educador**

Há concordância entre os professores que o ato de educar consiste na transmissão de valores e se consideram como modelos para seus alunos, ressaltando que, algumas vezes se sentem idolatrados por eles, especialmente, na faixa etária com quem trabalham, ou seja, crianças que estão ampliando o espaço de convivência e de aprendizado social.

Outra afirmativa expressa pela maioria dos professores é que, para o desempenho eficaz do ato de educar, torna-se necessário que se estabeleça aproximação, empatia, conversa e afetividade. De fato, o ato de educar somente se processa na relação afetiva, com interesse, disposição e vontade de quem educa e de quem será educado.

A definição do que é ser educador aparece como expressão dos professores que se sentem depositários da função de educar pelos familiares. Trata-se de um foco de tensão que ocorre entre as instituições família e escola, que indica, especialmente, a necessidade de transferir a responsabilidade em situações de fracasso escolar.

Destacamos que, confiança e responsabilidade são consideradas pelos professores como atribuições do ser educador, afirmando serem eles junto com a família, os responsáveis pelo sucesso no ensino/aprendizagem dos filhos/alunos.

Por fim, na temática sobre as habilidades e sentimentos de quem educa, os professores manifestam que se sentem como bons ouvintes, mas que permanece latente o sentimento de insegurança e medo pela responsabilidade que lhes é atribuída. Nesse sentido, consideram que é devido à escola a função de preparar e sensibilizar os familiares para que se concretize uma parceira entre família e escola com a possibilidade de partilhar a responsabilidade do educar. O ponto crucial que impede a interação entre os parceiros é a inibição de certos professores frente aos questionamentos de pais com formação superiores a eles. Vemos então a importância do

professor que é um educador se preparar para se tornar efetivamente capacitado a desempenhar a orientação das famílias sobre o que ocorre no contexto escolar.

Observamos que, já no espaço da conversa entre os professores, houve ampliação sobre a função do educar, ao ser levantada a importância de se educar os pais para torná-los parceiros na responsabilidade de educar seus filhos. Foi sugerido cativá-los ao cativarem os seus filhos. Como nos ensina o velho ditado: "*Quem agrada meu filho, adoça minha boca*".

Vimos assim mudança de significado no conversar dos professores no sentido de efetivamente realizarem um trabalho de orientação sobre o ensino/aprendizagem, reconhecendo que precisam ter boa formação para isso.

Ressaltamos, nessa análise, o novo paradigma sistêmico, onde vemos a compreensão dos significados numa visão de totalidade integrada: uma teia dinâmica de eventos inter-relacionados. Desse modo, os professores sentem necessidade de um trabalho social junto aos pais e justificam essa necessidade para que possam desenvolver bem a função de educadores, porque os pais/professores são partes de uma rede de inter-relações que está em constante mudança, que unidos poderão enfrentar com mais conhecimento, propriedade e recursos os obstáculos que se apresentarem.

### **Análise dos significados do grupo dos pais sobre o que é educar e o que é ser educador**

No grupo de pais, todos concordaram que educar é conceituado como sendo a transmissão de valores familiares para os filhos. No entanto, uma das mães interferiu dizendo que sentia na escola e, conseqüentemente, na professora, certo poder para lidar com as questões, por exemplo, dos limites.

A partir daí se instalou um movimento dialógico bastante pronunciado, com o tema educar, nas falas dos pais, ressaltando a função social de transmitir valores da escola e da família como parceiras na formação do indivíduo, confirmando o que defende Ricotta<sup>10</sup>. A autora considera que

essa função dos pais é extremamente natural e, por outro lado, observa que a escola tem se pronunciado como corresponsável pela orientação e formação do indivíduo, ampliando seu papel junto à sociedade e atuando nos resultados das influências que a família produz em seus filhos.

Entendemos como natural e atual, numa conversa entre pais na escola com o tema educar, que tenha surgido na fala dos participantes questões sobre limites. É uma questão pertinente nessas relações, porque no contexto escolar a criança irá experimentar, em grupo, a obrigatoriedade de cumprir as regras e os combinados, vivenciando a tolerância à frustração, fundamental para o desenvolvimento emocional.

Segundo Ricotta<sup>10</sup>, a escola areja as relações intrafamiliares, já que a família não se esgota em si mesma, assim concluem que se escola e família estiverem unidas e afinadas quanto aos valores que querem imprimir e transmitir aos seus alunos e filhos, haverá um laço de corresponsabilidade entre as partes, onde poderão então transmitir valores correlatos ao que um ser humano necessita, fazendo assim prevalecer os aspectos que venham de encontro às questões que terão de responder como cidadãos do mundo. Ouvir dos pais que se sentem educadores assim que se tornaram pais, a partir do momento do nascimento do filho, é confirmado por Munhoz<sup>11</sup>, quando afirma que: *“No momento em que nasce uma criança, nasce também uma família. Assim começa a ser formada a estrutura familiar, que consiste num conjunto de exigências e desempenho de funções organizadas, com um padrão de funcionamento interacional, que permeia as relações entre os membros de um sistema familiar”*.

Partindo dessa concepção, o ensino/aprendizagem dos filhos ganha significado para os pais, quando eles entendem e tomam conhecimento sobre a missão e objetivos da escola de seu filho. Nesse ponto da análise conseguimos observar o que defende Grandesso<sup>7</sup>, ao afirmar que a construção de significados tem sua origem no discurso das trocas dialógicas que ocorrem no espaço comum entre as pessoas.

Um dos pais expressa o quanto está sendo para ele significativo possibilitar a elaboração das emoções humanas nesse momento, na escola de seu filho. Nesta análise, confirmamos os efeitos produzidos nas interações com outras pessoas e a emergência de suas histórias vividas, dentro e fora do linguajar, dando testemunho da expressão do mundo edificado de cada um, referente aos valores, mitos e crenças. Como esse pai se encontrava em um espaço conversacional foi possível constatar o que Maturana<sup>3</sup> nos explica sobre as interações provocadas pelas comunicações, ou seja, esse pai permitiu que suas emoções e compreensões se modificassem a ponto de dizer ao grupo que acreditava ser importante que na escola se trabalhasse a educação emocional.

#### **Análise dos significados sobre as dificuldades dos professores encontradas no processo ensino/aprendizagem do aluno**

Estando o grupo de professores mais “aquecido”, a segunda questão disparadora foi respondida mais facilmente. Fizeram críticas às famílias que não acompanham seus filhos e se ausentam da escola, mas, ao mesmo tempo, também criticaram os pais que se excedem nessa participação, extrapolando o seu papel de pais para se apropriarem do que cabe à professora e à escola. Observamos nas falas dos professores certo desabafo, num fluir do linguajar. Neste momento, demonstraram a existência de críticas reais e vividas, revelando as experiências que fortalecem suas crenças sobre as funções dos pais e dos professores.

A partir do pressuposto do Construtivismo Social, confirmamos que os indivíduos não reagem a um mundo tal como ele é na realidade, mas ao mundo conforme ele é percebido e compreendido em sua subjetividade. Então, vemos na fala dos professores um conhecimento auto-referente, ou seja, é impossível referirmo-nos a uma situação da qual participamos sem que nossas descrições sejam influenciadas por nossas experiências e da maneira como foram vividas.

### **Análise dos significados sobre as dificuldades encontradas pelos pais no processo ensino/aprendizagem dos filhos**

Observamos que os pais necessitam de um serviço de orientação familiar, para auxiliá-los na condução do aprendizado dos filhos, em especial quando devem acompanhar os filhos em suas lições de casa. Apoiamo-nos em Carvalho<sup>8</sup>, que considera o dever de casa como uma necessidade educacional, reconhecida por pais e professores, sendo concebido como uma ocupação adequada para os estudantes em casa; um componente importante do processo ensino/aprendizagem e de currículo escolar dentro de uma tradição cultural e ainda como uma política tanto da escola, quanto do sistema de ensino. Trata-se de uma ação que objetiva ampliar a aprendizagem em quantidade e qualidade, promovendo uma aproximação dos sistemas família e escola na ação educativa.

Surgiram revelações significativas entre os pais, num momento de conversa entre seus pares, quando conseguem expressar que o dever de casa é uma dificuldade que encontram no processo ensino/aprendizagem dos filhos, considerando as excessivas exigências da dinâmica familiar atual. O motivo pode ser apontado por Carvalho ao dizer que: *"O dever de casa afeta a vida familiar, ao pressupor a conexão entre as atividades de sala de aula e de casa, numa perspectiva de estrutura doméstica adequada apoiando as atividades escolares, que hoje é difícil de se adequar"*.

Os pais dizem que encontram dificuldades em acompanhar os filhos na fase inicial da aprendizagem, em virtude de não serem entendidos e acolhidos pela escola, no que mais desconhecem e necessitam. Existe aqui um conflito expresso: os professores esperam que os pais desempenhem sua função de educadores, por outro lado, os pais esperam que a escola os compreenda e ofereça a eles a tranquilidade de que seus filhos estão recebendo o que é devido à escola oferecer.

Quando os pais solicitam que os professores tomem conhecimento do que eles esperam da

escola ao conduzir a educação de seus filhos, estão solicitando também que a escola aprenda a conhecê-los. Tendo como proposta a abertura de caminhos para que todos aprendam em conjunto, a fim de atingir um aprendizado que faz a diferença, ou seja: a conjunção do reconhecimento e da descoberta, quando é possível acontecer a união do conhecido e do desconhecido num processo dialógico e constante, assimilando em seu bojo as contradições inerentes aos fenômenos humanos<sup>12</sup>.

### **Análise dos significados sobre os méritos dos professores no ensino/aprendizagem do aluno**

Os professores, ao falarem sobre os méritos em sua práxis, modificaram até mesmo o tom da voz e ficaram mais serenos e emocionados. O significado que dão ao reconhecimento da sua profissão está relacionado ao que conseguem ensinar e produzir com seus alunos. Outro significado importante assinalado pelos professores é o relacionamento afetivo que estabelecem com seus alunos e como esses o tomam como modelo. Esses significados são reforçados pelas famílias que avaliam o mérito de um professor a partir dos relatos dos filhos sobre o que aprendem e como aprendem com seus mestres.

No entanto, nenhum dos participantes considerou o mérito vindo de si mesmo, mas sempre relacionado ao produto entregue ao aluno e à sua família. Observa-se com isso a real dificuldade de quem ensina, sendo apontada pelo próprio professor, que consiste em se aprimorar e se reconhecer como ser que também aprende, para poder investir nas relações com seu aluno como um sujeito aprendente. Podemos reforçar essa observação ao tomarmos como referência o que diz Scoz<sup>13</sup> a respeito da importância e pertinência da autopercepção do professor no que faz, para que faz e como o faz, podendo assim se autoavaliar como pessoa e como profissional que ensina e educa.

Teríamos aí então uma possível contradição? O professor reconhece como mérito o que seria uma dificuldade? Ou o professor reconhece

como dificuldade o que deveria ser considerado um mérito? São questionamentos que surgem nos espaços conversacionais, que nos parecem necessários, por permitir enfrentar os desafios de realidades profundas que, justamente, unem verdades aparentemente contraditórias. Como define Morin<sup>12</sup> ao se apoiar em Pascal (Pascal in Almeida & Carvalho<sup>1</sup>) que o contrário de uma verdade não é um erro, mas sim uma verdade contrária.

A relação que o professor faz sobre o seu trabalho e o merecimento trazido por ele se dá concretamente pelo crescimento da criança/aluno como forma de reconhecimento da família. Vimos nessa fala da professora ao se dirigir a um pai como uma expressão de ter conseguido atingir as expectativas da família. Houve então um momento de emoção e a mensagem que ficou de dever cumprido.

Então o mérito dessa professora em questão foi dado a partir de um reconhecimento da família do seu aluno, por ter conseguido atender às expectativas dessa família relacionadas à escola e, conseqüentemente, ao seu trabalho. Convém ressaltar que, quando a professora se dirigiu ao pai, a sua emoção ao falar agradeceu muito ao pai, criando assim uma relação de confiança e um clima de bem-estar no espaço de conversa.

#### **Análise dos significados sobre os méritos dos pais no processo ensino/aprendizagem dos filhos**

Os pais consideraram mérito a ideia de conquista e luta para o sucesso dos filhos. Não conseguem relacionar mérito com a ideia de ensino/aprendizagem, quer dentro da escola ou mesmo fora dela. Na verdade, "o fardo" dos pais em tentar conseguir acompanhar a vida escolar de seus filhos supera a ideia de pensarem e, conseqüentemente, falarem sobre o mérito que os pais possam ter em acompanhar seus filhos na vida escolar.

Percebemos, com isso, que a "patologia do nosso tempo", representada pelo fracasso escolar, é considerada como um sintoma social. "*Fracassar na escola poderá ser visto como insucesso na vida*"<sup>14</sup>.

A sentença de sucesso ou fracasso na escola/vida toma conta dos pais como um arsenal de luta, que já é de excessiva exigência para poderem dar conta do sucesso dos filhos. Essas exigências externas, amplas e gerais os impedem de enxergar com clareza seus méritos em relação ao processo ensino-aprendizagem dos filhos/alunos. Até por isso devem solicitar o acompanhamento da escola, auxiliando-os nesta missão.

#### **Análise dos significados das expressões de pais e de professores na conversa conjunta**

Nesse momento, os redatores do grupo dos pais e dos professores trouxeram para todos os participantes uma questão comum, que foi a necessidade de compreensão sobre a função do educar na escola e na família.

Pais e professores não conseguiram encontrar em que local, nem mesmo em que momento se separa a função do educar e do educador na escola e do educar e do educador na família.

Houve da parte dos pais um reforço da imagem "poderosa" do professor e, por conseqüência, a facilitação em conduzir melhor, do que a família, os cumprimentos dos deveres de estudante. E que o "poder" do professor sobre seus alunos se estabelece pela força do vínculo, que expressa o quanto o professor está disponível para o outro em sua função de educador.

Da parte dos professores, observou-se a necessidade de ressaltarem a importância da família cumprir aquilo que compete a ela, mas consideram de grande significado o reconhecimento vindo da família do aluno à sua práxis como um mérito.

De volta à questão ensino/aprendizagem, percebemos que ambos os grupos perdem força, os professores por receberem dos pais uma cobrança de maiores e melhores esclarecimentos sobre o processo escolar de seus filhos, já os pais, ao mesmo tempo, que cobram, solicitam ajuda, não de uma forma direta, mas traduzida pela queixa de falta de esclarecimentos.

Os pais demonstraram preocupação ao se referirem sobre as execuções das práticas educacionais e do lidar no dia-a-dia dos educado-

res, em interação constante, com seus filhos na formação de um cidadão: aquele que deve estar pronto para lidar e viver com as questões de ordem social, emocional, intelectual e de futuro profissional que irão enfrentar ao longo de suas vidas.

Já no final do encontro foi possível observar, pelo tom da voz e das expressões dos rostos dos pais e dos professores, momentos não de conflito, mas de reconciliação entre os participantes.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dissertar sobre a educação dos filhos/alunos no contexto apresentado neste trabalho e defender a vinda dos pais à escola para conversar teve como norteador a vivência e a trajetória profissional do pesquisador carregada da inquietação a respeito do conflito existente entre escola e família. No fazer do dia-a-dia escolar, conseguimos observar e sentir que quando a família vem à escola para conversar ou reclamar sobre qualquer questão que direta ou indiretamente está relacionada ao processo escolar de seus filhos, ao término das conversas, fica um registro em nossas observações de que todos os que participam desse espaço conversacional saem diferentes. Esse sair diferente pode ser entendido como pais e professores melhores sintonizados com as exigências e expectativas da escola e das famílias no que consiste à educação formal das crianças e dos jovens na formação de um cidadão na contemporaneidade.

Assim, como a cidadania em determinada cultura e sociedade propicia sentir-se fortalecido em suas raízes, a escola é um espaço que precisa ser valorizado, pois promove o sentimento de pertencer, como uma necessidade genuína que nós, seres humanos, possuímos em relação às coisas, pessoas e situações que nos dão significados culturais, possibilitando a emergência de sentidos próprios.

A ação da família em si não basta, necessitamos do espaço escolar para a ampliação das interações, a fim de promover o desenvolvimento das potencialidades do ser, experimentando atributos diferentes daqueles que são estimulados

na família, como defende Santos<sup>15</sup>, em seu estudo compreensivo sobre os valores familiares na prática educativa. Confirmando seus achados, acreditamos que a conversa é um dos meios de possibilitar avanços e minimizar desconfortos trazidos pela família à escola e, ao mesmo tempo, pela escola à família.

Consideramos significativa a intensa manifestação, tanto dos pais como dos professores, de que necessitam e sentem falta de conversarem para se conhecerem. Assim como foi veemente o pedido de mais informações sobre a escolaridade de seus filhos pelos pais, bem como foi solicitado pelos professores que os pais fossem mais acessíveis às suas orientações. Não como significado de que os professores é quem podem educar os pais, mas sim de que os professores podem minimizar as dificuldades que os pais sentem no acompanhamento do processo escolar dos filhos/alunos, a partir da compreensão de como se dá esse processo.

Assim também, pudemos notar os professores reconhecerem que precisam de ajuda para melhorar a comunicação entre pais e professores na função de educador escolar de seus filhos/alunos.

Então fica, na verdade, pais que não conseguem entender o que se passa na escola e segundo eles é porque os professores não deixam claro. Assim como professores necessitam de ajuda dos pais para poder melhor explicar o processo.

Ficou confirmado que pais e professores quando conversaram na escola a partir de um convite, vindos sem nenhum acontecimento prévio que exigisse sua presença para resolver conflitos, mas que foram chamados somente como parceiros na ação educativa de seus filhos, resultou na percepção de que estão juntos na tarefa de transmitir valores necessários para a boa formação do cidadão. Podemos então compreender o que Munhoz<sup>16</sup> afirma que, a escola ao cumprir a missão de transmitir valores essenciais aos pais, ela está ampliando sua ação educativa, inserindo a família do aluno, nesse processo.

Esse aspecto nos remete ao pensamento sistêmico, base teórica deste estudo, quando defende

a pertinência da interação entre os agentes que desempenham a função educativa, possibilitando religar a parte no todo, assim como o todo nas partes que o compõe. Segundo a máxima formulada por Blaise Pascal: "*eu considero impossível conhecer o todo se não conheço particularmente as partes como conhecer as partes se não conheço o todo*" (Pascal in Almeida & Carvalho<sup>1</sup>).

Assim, acreditamos que as escolas precisam ter dentro de suas equipes de trabalho pedagógico a figura do orientador educacional, com enfoque

ao trabalho de orientação ao professor, para que os espaços de conversas na escola possam ser além de instalados, efetivos e duradouros. Apesar de todas as "concorrências" que a escola sofre com as diferentes atividades oferecidas às crianças e aos jovens, podemos considerar que o poder ainda aparente dessa instituição deve ser valorizado e otimizado, não como erroneamente muitas vezes se faz, usando autoridade e autoritarismo, mas criando a possibilidade de conversas e compreensão entre as partes é que se obtém.

### SUMMARY

#### Family and school in the comprehension of the meanings in the educational process

Based on the belief that communication and language are significant instruments in educational actions, we propose the building of a conversational space among parents and teachers of 6 to 8 year old children, both sexes, belonging to 1<sup>st</sup> and 2<sup>nd</sup> grade of basic level in a private education institution, and middle and high social and economic level, from the talking about scholar education of their children/students. It is about a methodology that enables the approaching of the two interdependent systems: family and school, aiming to minimize the conflicts that happen between them. We conclude that school, when transmitting essential values by means of the functions of the teachers it extends the action to the family, and gets to incorporate it. Action considered positive for parents and teachers, because it enables the comprehension of meanings expressed in the systems that are interacting.

**KEY WORDS:** Schools. Family. Communication.

### REFERÊNCIAS

1. Maturana HR. Emoções e linguagem na educação e na política. Trad. Fontes JFC. Belo Horizonte: Editora UFMG; 1998.
2. Almeida MC, Carvalho AE. Edgar Morin: Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios. São Paulo: Editora Cortez; 2002.
3. Maturana HR. Ontologia do conversar. Família: Temas de terapia familiar e ciências sociais. Nova Série 1991,1(4):25-40.
4. Watzlawick P, Beavin JH, Jackson DD. Pragmática da comunicação humana. 14<sup>a</sup> ed. São Paulo: Editora Cultrix; 2004.
5. Anderson H. Conversação, linguagem e possibilidades: um enfoque pós-moderno da terapia. Trad. Armando MG. São Paulo: Roca; 2009.
6. Goolishian H, Winderman L. Construtivism, autopoiesis and problem determined systems. Irish J Psychol. 1988;9:130-43.

7. Grandesso MA. Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2000.
8. Carvalho MEP. O dever de casa como política educacional e objecto de pesquisa. *Rev Lusófona Educ.* 2006;3(4):32-45.
9. Franco MLPB. Análise de conteúdo. 2ª ed. Coleção Série Pesquisa. Livro 6. Brasília: Liberlivro;2007.
10. Ricotta L. Valores do educador: uma ponte para a sociedade do futuro. São Paulo: Editora Agora; 2006.
11. Munhoz MLP. Casamento: ruptura ou continuidade dos modelos familiares? 2ª ed. São Paulo: Expressão e Arte Editora;2001.
12. Morin E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 4ª ed. São Paulo: Cortez Editora;2001.
13. Scoz BJL. Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escola e a aprendizagem. 4a ed. Petrópolis:Vozes;1998.
14. Cordie A. Atrasados não existem: psicanálise de crianças com fracasso escolar. São Paulo: Editora Artmed;1996.
15. Santos JLS. Transformando "nós" em "laços" um estudo compreensivo dos valores parentais nas práticas educativas em famílias de baixa renda [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: Pontifícia Universidade de São Paulo; 2006.
16. Munhoz MLP. Questões familiares em temas de Psicopedagogia. Coleção Temas de Psicopedagogia. Livro 7. São Paulo: Mennon Editores Científicos;2003.

---

*Trabalho realizado no Programa de Mestrado em Psicologia Educacional da Fundação Instituição de Ensino para Osasco (UNIFIEO), Osasco, SP, Brasil.*

---

*Artigo recebido: 30/11/2011  
Aprovado: 11/2/2012*

